

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VI Nº 23 VIANA-MA, FEVEREIRO DE 2009



VIANA 251ANOS
DE MEMÓRIA

Editorial

MULHERES VIANENSES

O que teriam em comum, por exemplo, Dilú Mello e Olga Mohana? Ou Zeíla Laullela e Celina Bezerra? Além de serem mulheres e vianenses, o traço marcante que as uniu foi a garra e determinação para cumprir a missão que lhes foi destinada. Missão essa que as dignificou como seres humanos e que norteou suas trajetórias de vida, não importando se suas atuações alcançaram o mundo, o Brasil, o Maranhão ou tão-somente a cidade natal. O mais importante e mais meritório é o dever cumprido. A certeza de que trabalharam em prol da comunidade e que seus exemplos e ensinamentos ajudaram outras gerações a descobrir valores que certamente lhes auxiliaram a desvendar o sentido maior da vida.

No próximo dia 8 de março comemora-se o “Dia Internacional da Mulher”, efeméride que a cada ano ajuda a conscientizar as sociedades do mundo todo sobre a importância da mulher, retirando-a de uma condição quase anônima de simples companheira, para conduzi-la ao patamar que lhe é realmente merecido: aquela que também busca e ajuda a construir, ao lado do homem, uma civilização baseada na justiça social, onde todos (independentemente de raça, sexo, credo etc) possam ter direitos e deveres iguais.

A história de Viana está pontilhada de exemplos de mulheres que ajudaram a construir esta cidade, mesmo quando lhes era proibida a participação na política ou outros assuntos considerados de competência exclusivamente masculina. A atuação da mulher vianense vai desde as chamadas “prendas domésticas” ao árduo trabalho das quebradeiras de coco babaçu (houve um tempo em que foi este o principal produto da economia vianense), passando pelas artes das rendeiras de bilro, das antigas doceiras com seus tabuleiros nas festas religiosas de largo, às excelentes instrumentistas América e Etéldera Dias, sem esquecer a festa do Divino de Macuta e o teatro de Anica Ramos.

Ressaltem-se, na construção da sociedade local, as mulheres que se entregaram (e ainda se entregam) de corpo e alma ao magistério, sublime profissão de preparar os novos filhos de Viana. Nomes que saltam de longas datas como Cóia Carvalho, Faraíldes Campelo, Zilda Dias, Edith Nair, Benedita Balby, Santoca e Raquima Gomes, Celeste Carvalho, Iraci Cordeiro, Didi Magalhães, Maria Antonia Gomes, Maria de Jesus Piedade Rodrigues, as irmãs Dilica e Zelica Barros, até serem acrescentados com as Josefina Cordeiros e as Sandras Serras da atualidade.

Há também mulheres que partiram de Viana, munidas de valores e ensinamentos, para levar os seus recados além-fronteiras, como Têca e Conceição Raposo, Helena Castro, Fátima Travassos, Rosa Maria P. Gomes e tantas outras. Em nossa academia elas já são em número de seis, em breve serão sete, e provavelmente serão mais num futuro próximo.

A todas elas, do passado e do presente, dedicamos esta edição do jornal como preito de gratidão e reconhecimento. Assim, plagiando a música do Chico Buarque de Holanda, orgulhosamente podemos proclamar para todos, em alto e bom tom: “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Viana!”

PALÁCIO EPISCOPAL

LUIZ ALEXANDRE



A idéia da construção do palácio episcopal surgiu, no início da década de 1940, quando da visita do então Arcebispo de São Luís, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota.

Recebido com muito carinho e festa pela população, oportunidade em que foram crismadas quase duas mil pessoas, o pastor ficou de tal maneira impressionado com o fervor católico da comunidade vianense que ventilou, na ocasião, a possibilidade de enviar ao Vaticano a sugestão da criação de uma diocese em Viana.

Ao despedir-se da cidade, D. Carlos Carmelo encarregou o padre Manoel Arouche de iniciar a preparação de toda a coletividade para a implantação da futura diocese. Dessa maneira, motivado por tal expectativa, o pároco não somente intensificou os trabalhos de catequese pelos povoados do município, como começou a motivar o povo em geral para a construção de um palácio, ao lado da Igreja Matriz, a fim de hospedar condignamente o futuro bispo de Viana.

Depois de vários anos de arrecadações nas principais festas religiosas, doações do comércio local e contribuições de particulares finalmente a obra foi inici-



Na foto maior, o Palácio Episcopal com sua fachada atual e adulterada. Na foto menor, o mesmo prédio, focalizando apenas sua feição original

ada. O responsável técnico pela construção chamava-se Gonçalo Belém e veio de São Luís, especialmente contratado para a importante missão.

Não se sabe ao certo o ano em que o palácio foi inaugurado, estima-se que tenha sido entre 1946 a 1948. Até a chegada de D. Hamleto de Angellis, em agosto de 1963, o palácio foi usado primeiramente pelo seu próprio idealizador, padre Manoel Arouche, que ali faleceu em 24 de outubro de 1958.

Por ordem cronológica, após a morte de D. Hamleto, o palácio serviu de residência a D. Francisco Hélio Campos e D. Adalberto de Paula e Silva (respectivamente,

2º e 3º bispos de Viana). Atualmente o prédio é ocupado por D. Xavier Gilles, há onze anos à frente de nossa diocese.

De linhas suaves que lembram o estilo neoclássico, o prédio teve sua fachada adulterada na década de 80, quando sofreu desastrosa intervenção praticada pelo bispo D. Adalberto de Paula e Silva ao lhe mandar acrescentar, do lado direito, outras duas sacadas superiores sobre uma garagem térrea, além dos azulejos incompatíveis com o estilo original.

O palácio episcopal de Viana tornou-se, assim, mais um exemplo do desrespeito das autoridades constituídas para com o patrimônio histórico da cidade.

CLEINALDO LOPES



BAILE DE FANTASIA

Resgatando a tradição de antigos carnavais vianenses, quando os bailes de fantasia faziam parte do calendário pré-carnavalesco da cidade, realizou-se na sede do Grêmio Recreativo Vianense, no sábado (6/02), uma animada festa que conseguiu reunir grande contingente de foliões locais.

Presidiários, ciganos e ciganas, odaliscas e cowboys misturaram-se a belas bruxinhas numa noite de alegria e diversão onde até um “Carlitos” fez questão de marcar presença.

Idealizado inicialmente pela professora Rosélia Mendes Oliveira, este ano o Baile de Fantasia (em sua 4ª versão) teve a organização a cargo da também professora Itajaci Lobo.

Carta recebida

Viana, 28 de novembro de 2008.

Sr. Presidente,

Preocupada com o meio ambiente, em especial o nosso lago, fonte de sobrevivência de um povo e minha grande inspiração, vejo com muita aflição o cultivo de arroz que ora se espalha pelo seu leito.

Não tenho conhecimento técnico para criticar, então procurei desabafar minha angústia, através de um grito de alerta. Não sou poetisa, não sei fazer versos, apenas escrevo um punhado de palavras como forma de expressar minha indignação.

O LAGO

Lago, conceito de geografia
Grande quantidade de água
Lago, acúmulo de água
No terreno em depressão.

Lago, riqueza de pescado
Fonte de sustento
De solitários pescadores
Sobrevivência de um povo.

Lago, morre lentamente
Ninguém se sensibiliza.
O peixe sente e escasseia,
Floresce o verde do arroz.

Lago, fonte de sustento
De pescadores solitários.
O que será de nós,
Que bebemos tua água.

O lago pede socorro,
O insensato não ouve
O pranto de dor
Da mãe natureza ferida,
O homem é o autor.

Juju Amorim
Professora

ERRATA: No nosso número 21 (agosto/08), cometemos um lapso ao dizermos que a professora Vitória Santos (página 7) tinha apenas seis irmãos. Na verdade ela é primogênita de uma família de doze irmãos.

Já na edição seguinte, nº22 (novembro/08), o lapso ficou por conta da data de nascimento do acadêmico Estêvão Maya-Maya. Em vez de 21 de setembro, conforme foi publicado também na página 7, ele nasceu no dia 2 de setembro de 1943.

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana
- MA CEP: 65.215-000

Têca Raposo Greathouse

Há alguns anos empreendemos juntas, eu e minhas irmãs Conceição, Bel e Conchita, uma viagem de férias aos Estados Unidos. Na passagem por Nova York, além de visitarmos os pontos turísticos e históricos da cidade, fomos assistir a peça "O Fantasma da Ópera" num dos famosos teatros da Rua Broadway. Já assentadas no interior do recinto, encantadas com a beleza do ambiente e ansiosas pelo início da peça, ouvimos Conceição dizer em tom de gozação: *olha onde estão as "caboclinhas" de Viana! No topo do mundo!* Rimos do comentário e em seguida nos concentramos na apresentação da obra que, a essa altura, já se iniciava. O tempo passou, mas aquela exclamação jocosa se tornou um elemento de reflexão para mim.

Saí de Viana no final de 1964, logo após concluir o curso ginasial com a primeira turma do recém-criado Ginásio Professor Antônio Lopes. Em São Luís, continuei os estudos e trabalhei por vários anos na Secretaria Estadual de Educação. Participei de um dinâmico projeto que se propôs a promover a educação escolar na zona rural do Estado do Maranhão. O objetivo era a criação de escolas através da mobilização comunitária e a capacitação de professores leigos para assumi-las. Dezenas de escolas foram criadas e centenas de crianças e adultos foram beneficiados com o projeto que se chamava "João de Barro".

Em 1971, em plena ditadura militar e a convite de um extraordinário padre francês, François de L'Espiney, amigo de minha família e "salvador" de muita gente nos duros anos da repressão, viajei para o México, onde estudei e permaneci por mais de um ano. Retornando ao Brasil, trabalhei em Manaus a convite do Dr. José Maria Cabral Marques, então Secretário de Estado de Educação do Amazonas. Desta vez, compus uma equipe de educadores responsáveis pela coordenação e desenvolvimento de um projeto de educação à distância, para capacitar centenas de professores espalhados pelas cidades ribeirinhas, algumas tão distantes da capital que gastávamos uma semana de viagem embarcada para alcançá-las.

Casei-me, em 1974, com um jovem norte-americano, chamado Gordon Lee Greathouse, (que havia conhecido no México) e fomos morar em Nova York. Nos cinco anos que lá ficamos, atuei em projetos de apoio a exilados políticos de vários países da América Latina. Graduada em Pedagogia e Letras, posteriormente lectionei português e exerci o cargo de Coordenadora do Departamen-

No Topo do Mundo



Em foto recente, Têca Raposo Greathouse entre plantações de tulipas, no Oregon (Estados Unidos)



Final de 1964: as duas irmãs Maria Tereza (Têca) e Maria da Conceição (Sansão) Raposo, integrantes da 1ª turma de concludentes do então Ginásio Antônio Lopes, posam ao lado dos pais, José Cursino e Enedina Raposo, após a missa de ação de graças

to de Língua e Literatura Portuguesa no Instituto de Línguas Estrangeiras do World Trade Center (as famosas torres gêmeas, destruídas pelo ataque terrorista de 11 de setembro). Retornei ao Brasil no início da década de 80 e engajei-me ativamente nos movimentos políticos pela anistia dos exilados brasileiros, pelo fim da ditadura, pela aprovação da nova constituição e do Estatuto da Criança e do Adolescente.



Em 1972, a bordo de gaiolas ou lanchas, quando viajava a serviço pelos rios do interior amazense

Residindo em Belo Horizonte (MG), há quase trinta anos, eu e meu marido trabalhamos no desenvolvimento de um projeto social que se concretiza através de uma Fundação de Ação Social e Cultural, apoiada por denominações religiosas ecumênicas, nacionais e internacionais. Atualmente coordeno uma rede nacional de apoio à criança e ao adolescente que mantém 51 projetos e acolhe mais de três mil crianças e adolescentes pobres em todo o Brasil. Nesses projetos se oferece espaço e oportunidade para que essas crianças e adolescentes cresçam como cidadãos de direito, responsáveis e comprometidos com a justiça social. E é exatamente nesta missão e em circunstâncias como esta que eu, uma "caboclinha" de Viana, me sinto realmente "no topo do mundo".

Deleito-me nos momentos de reflexão identificando os inúmeros vianenses, pessoas ilustres e comuns, que estiveram ou que estão no "topo do mundo". Refiro-me, evidentemente, não ao status ou posição social dessas pessoas, mas a seu compromisso e atuação no mundo da educação, das artes, da literatura, da medicina, da religião, da política, da justiça, do esporte, do trabalho social e de tantas outras áreas. Quantos homens e mulheres dessa pequena e querida cidade, encravada na Baixada Maranhense, que alçaram voo para o "topo do mundo" e lá imprimiram ou continuam imprimindo sua marca através da atuação e compromisso com a construção de um mundo melhor para todos! Difícil enumerá-las. Orgulho-me, porém, dessa herança e do privilégio de haver usufruído da convivência e da influência de muitas dessas pessoas na minha infância e adolescência em Viana. Com elas aprendi que o idealismo e a utopia verdadeiramente nos conduzem ao topo do mundo.

CENTENÁRIO DE CELINA CLARA AZEVÊDO BEZERRA

No dia 3 de outubro de 2008, em São Luís, a ex-professora Celina Clara comemorou com os filhos, genro, noras, netos e bisnetos, além de parentes e amigos, um século de existência.

Celina Clara Silva Azevêdo, a quarta filha de uma família de cinco irmãos e um irmão, nasceu em Santaninha (naquele tempo pertencente a Viana), no dia 3 de outubro de 1908. Era filha de Raimundo João Alves de Azevêdo, criador/comerciante e da dona de casa Fátima Elisa Araújo Silva Azevêdo.

Ainda pequena veio com toda a família morar na sede do município, onde seu pai instalou-se como comerciante, facilitando para que todos os filhos ingressassem na vida escolar. Concluído o curso primário, todas as irmãs desejavam vir para São Luís continuar os estudos, principalmente Celina Clara, que era aluna exemplar e alcançava sempre as melhores notas, para orgulho de seu pai. Entretanto, por ser muito conservador, o Sr. Raimundo João não admitia que as filhas saíssem de casa para residir longe da família, impedindo dessa forma que o sonho das jovens estudantes de tornarem-se professoras normalistas, se concretizasse.

Mais tarde, decepcionado com a política partidária na qual havia se envolvido, seu genitor resolveu fechar o comércio e mudar-se novamente para a zona rural, a fim de comandar um engenho de açúcar em Santo Antonio, causando grande tristeza não somente para Celina, mas igualmente para suas três irmãs (a mais nova já havia falecido) que todos os finais de tarde choravam com saudades de Viana.

Pouco tempo depois, o Sr. Raimundo João Azevêdo veio a falecer e D. Fátima decidiu retornar com os filhos para a cidade. Mas, antes disso, o sonho de lecionar já se tornara realidade para Celina. Ao aceitar o convite para morar em São Rufo, na companhia de um tio seu de nome Antonio, iniciara ali sua missão de educadora. No pequeno povoado, a jovem alfabetizou adultos, crianças e adolescentes, partindo depois para Itans, onde ficaria conhecida como “nossa mestra”, por dar continuidade ao processo de alfabetização, através da implantação do sistema de sequência de séries para os alunos.

Educadora completa - Em 1942, mesmo depois de casar-se com Heider Cutrim Bezerra e de se tornar mãe de cinco filhos, continuou com sua nobre missão de ensinar, o que a levou a trabalhar inclusive em Matinha. Durante certo período, quando morava na Enseada Funda, num dia



A professora aposentada Celina Clara com a neta Kátia e os bisnetos Caetano e Dandara



Cercada pelo carinho dos familiares e amigos, a ex-professora apagando as velinhas de seu 100º aniversário

festivo, a mestra Celina apresentou ao padre Manoel Arouche o fruto de seu trabalho na localidade: cinquenta adolescentes alfabetizados e catequisados, prontos para fazer a 1ª comunhão. Na oportunidade, mereceu palavras de elogios do líder religioso que a classificou de “educadora completa”, ou seja, aquela que

alfabetizava o cérebro e a alma.

Em 1949, preocupada com a continuação dos estudos dos próprios filhos, convenceu o marido da necessidade de retornarem a Viana, quando foi nomeada pelo então prefeito, Eziquiel Gomes, para lecionar no atual bairro de Nazaré (antigo Ciloura), distante de sua residência e de difícil acesso no perí-

odo do inverno. Determinada e sem se deixar vencer pelo desânimo, para chegar à escola, a professora Celina não hesitava em pedir ajuda aos pescadores para atravessar de canoa a Rua Rio Branco, no Moquiço, a qual se transformava num verdadeiro rio quando chovia bastante.

Com a eleição do prefeito Luis de Almeida Couto, Celina Clara conseguiu ser transferida para a Escola Municipal, que funcionou durante alguns anos no mesmo prédio hoje ocupado pelo “Antônio Lopes”, mudando-se depois para a própria sede da Prefeitura.

Aposentada pelo INSS desde 1973, quando se mudou para São Luís, a fim de cuidar da saúde e morar com as filhas, a veterana professora e devota de Nossa Senhora da Conceição continuou a prática de sua fé, engajando-se no grupo das legionárias da Igreja Menino Jesus de Praga, na Cohama, bairro onde reside até hoje.

Embora já não tão lúcida como antes, Celina Clara reza o terço todos os dias e não esquece o hino de Viana. Nos devaneios próprios da idade avançada, ela rememora o passado fazendo de conta que está numa sala de aula, orientando e aconselhando os alunos para que estudem sempre.

Parabenizamos a professora Celina Clara pelo seu testemunho de abnegado amor ao magistério. A AVL, ao lhe prestar tão singela homenagem, almeja que esta dignificante história de vida possa servir de exemplo a todos os educadores vianenses da atualidade.



Construído e inaugurado na administração do prefeito Daniel Gomes Filho, o prédio da escola, situado no bairro “Carecas”, que recebeu o nome de Unidade de Ensino Professora Celina Clara Azevedo Bezerra

LAGO DE VIANA

Agonia e morte de um ecossistema



LUIZ ALEXANDRE

(*)*Luiz Alexandre Raposo*

Quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram à antiga aldeia de Maracu, nos idos de 1683, extaziaram-se com a paisagem ímpar do lugar, composta por uma península que avançava sobre um lago de indescritível beleza cênica e rico em espécies aquáticas (incluindo grande quantidade e variedade de aves, as quais faziam seus ninhos na vegetação verdejante que bordava a superfície das águas). Segundo registros da época, peixes pululavam em toda a extensão do lago, chegando a cair dentro das embarcações dos visitantes.

Fundada a missão pelos padres jesuítas, iniciava-se de fato a colonização e a conseqüente antropização do meio ambiente (mudança da paisagem pela ação e interferência do homem na natureza). Este processo de antropização, inicialmente de forma lenta e moderada, acelerou-se drasticamente, em Viana, nos últimos quarenta anos.

Dois fatores foram decisivos para que as diversas atividades humanas gerassem uma degradação tão alarmante em nosso município. O primeiro foi o crescimento da população que fez aumentar de forma direta o impacto sobre o meio ambiente, seja para resolver a questão da moradia (áreas cada vez maiores foram devastadas para construção de casas) ou da alimentação (maior número de bocas para alimentar, forçando uma pressão cada vez maior sobre os recursos naturais como pesca, caça, cultivo da terra etc.) ou ainda pela poluição gerada por cada habitante (lixo e dejetos). O segundo, herança dos antigos colonizadores, baseia-se na falsa crença de que a natureza é infinita, portanto, geradora de recursos inesgotáveis que prescindem de qualquer cuidado e preservação.



No meio do lago, em frente ao Parque Dilú Mello (cartão postal da cidade), lotes de plantações de arroz descaracterizam a paisagem natural

Morte iminente – Depósito de todos os dejetos da população e agredido sistematicamente ao longo de dois séculos e meio de ocupação humana, aquele que já foi rico em biodiversidade e fonte de sustento e divisas para os vianenses, hoje dá sinais claros de agonia, pré-anunciando sua morte evidente num futuro breve.

De toda sua pujança original, restam na memória dos mais velhos as lembranças da fartura de peixes que os pescadores traziam nas canoas para o comércio efervescente da praia e a quantidade de

aves (marrecas, jaçanãs e japecocas) que eram vendidas em feixes, pendurados nos ombros dos caçadores, pelas ruas da cidade. Sem esquecer a grande fileira de ranchos de palhas na beira do lago, durante o verão, especialmente construídos para a pesca e salga da traíra, produto exportado em arrobas, para cidades e povoados vizinhos (para Ozimo de Carvalho, no livro *Retrato de um Município*, a salga da tarira assumia proporções de uma pequena indústria).

Atualmente, o velho lago já não produz os mesmos frutos

do passado, mas compõe ainda a beleza cênica no período das cheias, quando se torna propício para as atividades de lazer e recreação (pequenas pescarias, passeios de canoas ou barcos motorizados, além dos *jet-skis* de alguns privilegiados). O banho, apesar de muito praticado ainda por crianças e adolescentes, começa a se tornar perigoso para a saúde, pela gradativa perda da balneabilidade das águas, principalmente nas proximidades do centro urbano.

Arcabouço legal - A Constituição de 1988 diz em seu artigo 225: *Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.*

Além do direito que todos têm “ao meio ambiente ecologicamente equilibrado”, proclamado pela Constituição, os lagos e respectivos campos da Baixada Maranhense constituem, de acordo com a Lei 9.985/2000, uma Área de Proteção Ambiental (APA), portanto resguardados juridicamente. Como se não bastasse, os campos inundáveis da Baixada também foram abrangidos pela “Convenção de Ramsar”, acordo multinacional do qual o Brasil é signatário, sobre proteção de zonas úmidas de importância internacional, especialmente como *habitat* de aves aquáticas.

Contando com tal arcabouço legal, era de se esperar que nosso ecossistema lacustre gozasse de algum tipo de gestão de uso sustentável ou, pelo menos, de uma efetiva preocupação do Poder Público e da coletividade vianense que pudesse acarretar ações concretas, objetivando sua recuperação e proteção.

LUIZ ALEXANDRE



**Lago, morre lentamente
Ninguém se sensibiliza.
O peixe sente e escasseia,
Floresce o verde do arroz.**

**Lago, fonte de sustento
De pescadores solitários.
O que será de nós,
Que bebemos tua água...**

Juju Amorim

As sete feridas abertas do lago

Na inexistência de políticas públicas, como saneamento e programas de educação ambiental para a população residente, que vissem amenizar ou refrear as agressões (diretas e indiretas) que lhe são impostas, a cada ano o lago expõe as feridas abertas de sua crescente degradação.

Os sete maiores problemas enfrentados pelo lago de Viana, segundo estudiosos e especialistas da área ambiental, encontram-se especificados a seguir:

Desmatamento desregrado

Ao longo dos anos, praticamente toda a vegetação ciliar que margeava o lago, como igualmente a de seus principais depositários ou emissários (rio Maracu, Igarapé do Engenho) foi retirada, desfalcando assim o ambiente lacustre de sua proteção natural contra o assoreamento e carreamento de materiais estranhos ao ecossistema, através do aporte fluvial e do escoamento pluviual (águas da chuva).

As matas ciliares receberam essa denominação pela similaridade com a função exercida pelos cílios, isto é, de proteger os olhos de ciscos, poeiras etc. Da mesma forma, a vegetação existente nas margens de qualquer corpo d'água protege e evita a exposição direta desses ambientes a fatores externos que possam pôr em risco sua dinâmica e equilíbrio.



No entorno do lago, a prática condenável das queimadas e do desflorestamento para obtenção de lenha continua frequente, embora os infratores estejam sujeitos a penas previstas nos artigos 14 e 15 da Lei 9.605/1998 (Lei dos Crimes Ambientais). Aqui, nem as palmeiras de babaçu, protegidas igualmente por lei, escapam da insana devastação

Assoreamento crescente

Em 1958, ano de lançamento do livro *Retrato de um Município*, o autor já chamava atenção para esse problema: *Nota-se a olhos vistos, de decênio em decênio, o progredir incessante da sedimentação em torno do lago, cujos terrenos circundantes (...) são de areia pura arrasada do alto pelas enxurradas.*

Facilmente perceptível no verão, o assoreamento é consequência direta do desmatamento e de outras interferências antrópicas como construção de barragens, retirada de areia do leito do lago, descarte de lixo e entulho etc. Todas essas atividades lesivas aceleraram o processo de assoreamento do maior patrimônio natural dos vianenses.



Retirada criminosa de areia do leito do lago e construções de barragens temporárias aceleram o processo de assoreamento

Esgotos sem tratamento

A descarga diária do esgoto urbano *in natura* acarreta um fenômeno conhecido por eutroficação cultural do ambiente aquático, ou seja, a matéria orgânica (rica em carbono, nitrogênio e fósforo), presente nos esgotos domésticos, ao atingir o lago tende a ser degradada pela ação bacteriana e transformada em compostos inorgânicos. Entretanto, se a quantidade de matéria orgânica dos esgotos exceder a capacidade de degradação microbiana, esse excesso tende a se acumular na água e no sedimento do fundo do lago. Outro problema é que a ação bacteriana envolve consumo do oxigênio dissolvido na água. Portanto, quanto maior a quantidade de esgoto sem tratamento despejada no ambiente aquático, maior será o requerimento de oxigênio por parte das bactérias aeróbicas para o trabalho de degradação. Assim, fica fácil fazer a conta: se muito oxigênio é consumido nesse processo, então irá faltar oxigênio para os peixes, provocando grande mortalidade de alevinos (peixes juvenis) por asfixia.

Para evitar tal problema é que existem as Estações de Tratamento de Esgotos, cuja função é reduzir os níveis de poluição orgânica do efluente, antes que este seja despejado no corpo d'água.



Jacaná: vítima de caçada intensiva e da destruição de seu habitat natural, a espécie começa a rarejar no outrora rico ecossistema lacustre

Pesca excessiva

Sobrepesca é o termo técnico, usado pela ciência pesqueira, para definir quando um estoque de peixes se encontra sobre-explorado, ou seja, em regime de esgotamento. A julgar pelo atual rendimento das pescarias e pelo tamanho cada vez menor dos peixes comercializados nas feiras de Viana, pode-se concluir que os estoques do lago encontram-se em perigo de extinção.

Quando ocorre uma redução significativa do número de adultos, a ponto de que indivíduos cada vez mais jovens sejam recrutados nas pescarias, significa que os peixes não estão tendo tempo para alcançar a maturação sexual (e, portanto, se reproduzirem), pois estão sendo capturados antes que isso ocorra.

Não basta apenas proibir a pesca anual no período da piracema. Tal proibição pode servir para proteger espécies de determinados ambientes, onde os estoques ainda não se encontram em situação de sobrepesca.

A situação do lago de Viana é muito mais crítica. Para a realidade local, aliado ao monitoramento de outros parâmetros, seria necessário um controle mais rígido durante o ano todo, quanto à quantidade e tamanho dos indivíduos capturados, a fim de que as populações de peixes pudessem se recompor. Obviamente, isso iria exigir uma séria campanha de conscientização sobre o problema junto à população em geral e principalmente junto aos pescadores e comunidades ribeirinhas.

É importante frisar que se não for tomada, urgentemente, nenhuma medida preventiva, em poucos anos fatalmente ocorrerá a extinção completa dos recursos pesqueiros locais (lembrando que várias espécies já não são mais encontradas no lago há muito tempo).

Criação de búfalos

Apesar de muito contestado pelos criadores, existe, sim, um alto prejuízo ecológico, acarretado ao meio ambiente da Baixada Maranhense pela criação extensiva desses animais, que foram aqui introduzidos na década de 1970, quando o país ainda não contava com legislação específica sobre a matéria.

A introdução de uma espécie exótica do porte do búfalo, num ecossistema de frágil equilíbrio ecológico, não deixaria de acarretar graves prejuízos tanto à flora como à fauna regionais. Habitante natural de áreas alagadas, o búfalo costuma fazer uso irrestrito do ambiente lacustre, destruindo não somente plantas e ninhos de aves aquáticas, como contribuindo negativamente para a recuperação das populações de peixes da seguinte maneira: ao revirar com suas patas a lama do fundo, o excesso de matéria orgânica ali depositada se dispersa na coluna d'água, provocando nova ação microbiana e consequente maior requerimento de oxigênio dissolvido. Conforme já foi dito, a competição pelo oxigênio, entre bactérias e peixes, resulta em considerável desvantagem para os últimos, os quais apresentam maior demanda de oxigênio para suas atividades vitais.



Búfalos: espécie exótica que há quase 40 anos vem causando prejuízos incalculáveis a um ecossistema de frágil equilíbrio como o lago de Viana

Cercas no campo

Até onde se sabe, os campos da Baixada são áreas de domínio do Estado, inalienáveis, portanto isentas da posse de particulares. Nas duas últimas décadas, entretanto, quem visita a região assusta-se com a proliferação repentina de cercas que se espalham pelos campos inundáveis, causando inclusive acidentes e prejuízos às embarcações que trafegam pelo lago no período das cheias, quando as estacas sob as águas transformam-se em armadilhas perigosas.

Além da grotesca interferência na paisagem, as cercas restringem o uso do lago e dos campos para as atividades de lazer e recreação de visitantes e, principalmente, dos próprios habitantes locais.



Como praga daninha, cercas avançam pelos verdes campos vianenses

Plantações de arroz

Prática recente, o leito do lago passou a ser utilizado para o cultivo do arroz em larga escala, sem que houvesse nenhum estudo prévio de impacto ambiental e muito menos solicitação da devida licença ao órgão competente, no caso a Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA).

Cabe aos poderes constituídos (Prefeitura, Câmara de Vereadores) e, em último caso, às entidades civis organizadas (Colônia de Pescadores, Associação Comercial, Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico etc.) exigir dos agricultores o correto procedimento. Para isso existe o Ministério Público na cidade.

Nunca é demais ressaltar que para um ecossistema já bastante degradado como o lago de Viana, todo cuidado é pouco. Além do excesso de matéria orgânica produzida pelas palhas e raízes, após a colheita, existe o grande risco de contaminação das águas pela provável utilização de pesticidas nas plantações (veja matéria específica sobre o assunto na página 8).

OLGA MOHANA

O canto clássico como expressão de vida

Luiz Alexandre Raposo

Sua história começou, em Viana, no dia 19 de janeiro de 1933.

Era véspera do dia consagrado a São Sebastião e, enquanto a cidade venerava um dos santos mais prestigiados do calendário católico vianense com novenas, missas e festa de largo, D. Anice dava a luz a uma menina que receberia o nome de Olga.

Quinta filha do casal Miguel Abraão Mohana e Anice Mohana, a menina faria parte de uma das primeiras gerações de estudantes que passariam pelos bancos do Grupo Escolar Estevam Carvalho (fundado um ano após seu nascimento), quando a escola ainda era dirigida pela primeira diretora, professora Faraídes Campelo Silva.

Aluna de outras famosas professoras da época como Edith Nair Silva e Raquima Gomes, a pequena Olga teve de deixar a pacata Viana para morar na maior metrópole da América do Sul, aos 11 anos de idade. Em junho de 1944, em pleno período da II Guerra Mundial, seus pais resolveram se mudar para São Paulo, levando todos os filhos pequenos (com exceção do mais velho, João, por esse tempo já cursando Medicina na Bahia). A viagem, num avião bi-motor de duas hélices, marcaria suas lembranças de infância: de São Luís à capital paulista foram cinco pernoites em cidades diferentes até alcançarem o destino final.

Olga e seus irmãos mais novos foram matriculados no Ginásio Conselheiro Lafayette, enquanto durou a experiência dos Mohanas na friorenta São Paulo. O retorno ao Maranhão aconteceu menos de dois anos depois, em 1946, após o patriarca da família desistir dos negócios em terras paulistas e decidir fixar residência definitiva em São Luís.

Dessa maneira, a jovem concluiu os estudos secundários no Colégio Santa Tereza, para muito depois ingressar na Faculdade de Serviço Social. Graduada em 1964, Olga exerceu por alguns anos a profissão, destacando-se nesta fase o trabalho de supervisão na preparação e transferência da população da cidade maranhense de Nova Iorque para a nova sede, por época da construção e inauguração da Hidrelétrica de Boa Esperança.

A paixão pelo canto – Na década de 50, bem antes de tornar-se assistente social, motivada pelo amor à música e contanto com o incentivo materno, a jovem vianense havia decidido estudar canto na Universidade Federal da Bahia. Ali, durante o curso, por intermédio de excelentes professores e maestros (entre eles alguns alemães, austríacos e franceses) teve oportunidade de aperfeiçoar sua formação vocal e musical.



A praticidade de D. Anice, porém, sempre alertando a filha de que “canto erudito não dá futuro para ninguém no Maranhão”, a fez se decidir pelo Serviço Social. Assim, enquanto exercia a nova profissão, Olga Mohana encontrava tempo para dedicar-se à arte musical. Admitida para o quadro docente da UFMA, ocupou o cargo de chefe de Departamento de Serviço Social, enquanto dava aulas de canto na antiga Escola de Música do Estado do Maranhão (EMEM).

Época áurea da EMEM - Durante o governo de João Castelo (1978-1982), quando a escritora Arlete Nogueira Machado assumiu a Secretaria de Estado da Cultura, Olga foi nomeada como diretora da EMEM, inici-

ando-se dessa forma uma de suas experiências mais ricas e profícuas em prol da música maranhense.

Aos 45 anos, no auge de sua capacidade física e intelectual, a nova diretora esmerou-se na capacitação dos jovens músicos maranhenses. Sempre voltada para a qualidade do aprendizado e preocupada não apenas com as verbas, mas principalmente com os verbos, ou seja, os planos, as idéias e as boas estratégias, Olga Mohana soube conduzir a EMEM a um período áureo de sua existência, na opinião de muitos observadores. Professores da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná foram contratados para reforçar o quadro local, além da aquisição de novos e variados instrumentos musicais.

E o resultado concreto de todo esse trabalho e empenho não demorou a aparecer: discos foram gravados e vários concertos de alunos e mestres aconteceram no Teatro Arthur Azevedo, despertando e revelando novos talentos musicais e cantores de alto nível no nosso Estado, a exemplo de Simão Amaral, Lindaura de Carvalho e Núbia Maranhão (entre outros). Foi durante sua gestão, à frente da Escola de Música, que o Governo do Estado adquiriu o histórico Solar da Baronesa de São Bento (à Rua de Santo Antônio) para sediar a instituição.

Nesse mesmo período, apoiada pelo irmão, padre João Mohana (responsável pela recuperação de 150 anos da música maranhense, através do garimpo sistemático de centenas de partituras), Olga Mohana gravou um LP, registrando para a posterioridade sua bela voz de contralto. No disco, que também recebeu o apoio da Secretaria de Cultura, Olga interpreta quinze composições, todas com o acompanhamento da pianista cearense Mércia Pinto (uma das professoras da EMEM, na época).

Outro importante registro musical da mesma época foi a gravação da “Missa de Antônio Rayol”, a partir das partituras resgatadas pelo padre Mohana. O disco, gravado ao vivo no Teatro Arthur Azevedo, mereceu veementes elogios dos amantes da boa música e até hoje continua surpreendendo aqueles que não conheciam a obra do renomado compositor.

Hoje, aos 76 anos e já aposentada há 10 anos, a professora Olga Mohana continua recebendo convites para concertos ou para tomar parte em júris musicais. Seu delicado estado de saúde atual, infelizmente, lhe impede de tais prazeres. Sua maior satisfação é saber que seu trabalho, como de tantos outros que a precederam, não foi em vão e que a EMEM (atual Lilah Lisboa, instalada num prédio mais amplo à Rua do Giz) continua cumprindo sua missão de ensinar e estimular as novas levas de jovens talentos desta terra.



Capa do disco gravado pela cantora clássica vianense

JOSÉ ANTONIO CASTRO



Benedito Francisco Silva

★ 23/10/1913

† 02/12/2008

Faleceu, no último dia 2 de dezembro, no Rio de Janeiro, o nosso membro mais idoso Benedito Francisco Silva, seis meses após ser empossado na AVL, em reunião solene realizada extraordinariamente naquela cidade.

Benedito Francisco tinha 95 anos e era titular da Cadeira nº 26, cujo patrono é o padre Constantino Trancoso Vieira. Viúvo há um ano e meio, o acadêmico vianense deixou uma filha e um neto.

O sepultamento realizou-se no dia seguinte, às 11,00h, no Cemitério São João Batista, em Botafogo. Dentre os amigos presentes, alguns vianenses, destacando-se a única irmã ainda viva, a mais velha, Perciliana, com 98 anos, conduzida numa cadeira de rodas, mas ainda lúcida.

Ao lado, trecho de uma poesia de sua autoria, composta aos 18 anos, quando ele partiu definitivamente de Viana, em 1930:

DESPEDIDA DE VIANA

*Com tristeza eu me confesso
Com saudades me despeço,
Desta partida insana.*

*Levo o coração partido
Dentro d'alma refletido
Sinto o solo de Viana.*

(incompleta)

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

MARIA HELENA NUNES CASTRO

A defesa da saúde pública como meta de trabalho

Luiz Alexandre Raposo

Fruto do casal Raimundo de Sousa Castro e Melany Nunes Castro, a futura enfermeira nasceu em Viana, no dia 2 de março de 1943. Era a segunda filha de uma família de três irmãos.

Das lembranças marcantes da infância feliz, passada na Praça da Matriz onde moravam seus pais, sobressaem-se as brincadeiras de roda em noites de lua, os estudos primários feitos no Estevam Carvalho com as professoras Iraci Cordeiro e Zeila Lauletta, a repetição da 5ª série na Escola Paroquial (sua mãe a considerou muito nova ainda para ingressar no ginásio), os reisados e a participação nas pastorais natalinas de D. Anica Ramos, os retiros espirituais da Páscoa, as missas dominicais e o toque festivo dos velhos sinos da Igreja Matriz.

Afilhada de batismo do padre Manoel Arouche que, pela austeridade própria, a intimidava a pedir a bênção como era costume naqueles tempos, a menina acabou apelando para os irmãos gêmeos, José e Manoel Soeiro, que não se negaram em assumir o papel de padrinhos, abençoando-a todos os dias.

Em 1955, a jovem adolescente embarcou para a capital, a fim de iniciar os estudos preparativos para o exame de admissão ao ginásio, no extinto Colégio de São Luís. Desse novo período estudantil, as férias passadas em Viana, ao lado da família, também deixariam recordações inesquecíveis, como as viagens de lancha, os jogos de vôlei, os bailes de carnaval e as primeiras paqueras, ou a participação como uma das “damas” nos 15 anos de Condição Raposo, primeira festa do

gênero realizada em Viana.

A fase de estudante, no entanto, não se constituiu somente de estudo e diversão, pois nesse mesmo tempo Helena iniciava seu processo de politização. Foi membro da famosa Juventude Universitária Católica (JUC), participou de grêmios estudantis e diretórios acadêmicos, sem esquecer o cargo de secretária da Associação Vianense de Estudantes (AVE), entidade criada para congregar o grande número de jovens vianenses que estudavam em São Luís, na década de 1960.

Ao graduar-se em Enfermagem pela Fundação Universidade Católica (atual UFMA) e posteriormente alcançar os graus de Mestre e Doutora em Saúde Pública pela USP, Helena Castro saberia trazer para a vida profissional o compromisso social, assumido desde o engajamento nos movimentos políticos da época de estudante.

Dessa forma, selecionada em início de carreira pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) para trabalhar nos municípios de Pindaré, Chapéu de Couro, Bom Jardim e Zé Doca, a nova enfermeira encontraria nessa experiência a motivação para decidir-se, na área de saúde, pela prevenção de doenças e não apenas



aria retomar o trabalho com a saúde pública, priorizando a prevenção de doenças. Foi pela época da Baramagem de Boa Esperança, ao assumir a coordenação das ações de saúde pública nas cidades maranhenses de Nova Iorque, Benedito Leite e S. João dos Patos e também nas cidades piauienses de Antonio Almeida, Guadalupe e Uruçuí.

De volta a São Luís, Helena prestou concurso para professora auxiliar do Curso de Enfermagem da UFMA, sendo designada para trabalhar em Pedreiras numa experiência exitosa de interiorização da universidade. Foi ali que ela se tornou diretora da primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem Regionalizada, projeto que tinha como objetivo melhorar a assistência de enfermagem no interior maranhense.

Secretária de Saúde do Município por onze anos, durante a administração de Jackson Lago na Pre-

pelo tratamento.

Mudando-se para a capital federal, Helena trabalhou na Fundação Hospital e Maternidade de Brasília até o falecimento de seu pai, em 1969, quando retornou ao Maranhão para prestar serviços por algum tempo na Santa Casa de Misericórdia e Hospital Juvenção Matos. Daí a pouco tempo surgiria um novo desafio, o qual lhe propiciaria

feitura de São Luís, o nome de Helena Castro ganhou, nesse período, maior notoriedade e respeito no meio político-social da capital pelo excelente trabalho desenvolvido à frente daquela pasta. Tanto foi assim, que ela não teve grandes dificuldades para se eleger, por duas vezes, como vereadora de São Luís.

Com o dinamismo que lhe é próprio, a filha de S. Raimundo e D. Melany soube conquistar grande número de amigos e admiradores ao longo de sua trajetória profissional. Entre tantos cargos assumidos destacam-se: secretária, vice-presidente e presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (seção Maranhão); membro da 1ª Diretoria do Conselho Federal de Enfermagem e da Associação Brasileira de Sanitaristas; presidente do Conselho Maranhense de Secretarias Municipais de Saúde; membro do Movimento de Mulheres e do Movimento Negro do PDT.

Aposentada pela UFMA e possuidora de extenso currículo em gestão de Políticas Públicas, Helena Castro (que exerce atualmente o cargo de Secretária de Estado de Administração e Previdência Social no governo Jackson Lago) é titular da Cadeira nº 24 da AVL, a qual tem como patrona a também enfermeira, Enedina Raposo.

Profundamente religiosa desde a infância, Helena não se descuidava em cultivar a fé, tendo como hábito reunir os assessores, em seu gabinete, para uma pequena oração matinal, antes de iniciar a jornada diária de trabalho. A vida, para ela, sendo o maior presente recebido de Deus, é dom divino. Por isso deve ser vivida com dignidade e em toda sua plenitude como forma de gratidão ao Criador.

ZEÍLA CUNHA LAULETA

Uma educadora vianense imortal

Joaquim Oliveira Gomes

Zeila Irinéia Cunha, este era o nome de batismo de Zeila Cunha Lauletta. Filha caçula do casal Mariano Cunha e Izaura Mendes Cunha, tendo como irmãos Benedita Oliveira (Bibi), Zoeth Pinheiro, Florita Carvalho e Claudionor Cunha (Sinhô), a futura professora nasceu em Viana, no dia 15 de dezembro de 1902, em pleno alvorecer do século passado.

Depois de realizar os estudos primários nesta cidade, a menina foi encaminhada para São Luís, a fim de cursar o magistério, quando ficou hospedada com a família do Sr. Antonio Moraes, amigo dos Cunhas e responsável pela documentação contábil do comércio de seu genitor. Na capital, a jovem vianense foi matriculada no curso Normal do Liceu Maranhense, concluído anos depois com brilhantismo.

Diplomada, a nova professora normalista regressou a Viana, sendo logo nomeada para lecionar na Escola Agrupada São Sebastião, a qual funcionava por essa época no antigo “porão”, prédio colonial que existia na Rua Celso Magalhães. Zeila Cunha também trabalhou no Colé-

gio Faraídes Campelo, antes de ser designada para integrar o quadro docente do então recém-fundado Grupo Escolar Estevam Carvalho. Anos mais tarde assumiu a direção deste último, permanecendo ali como diretora até alcançar a aposentadoria.

Nesse período de atividade como educadora, conheceu o pernambucano Ângelo Luisi Lauletta, filho de família italiana e homem de negócios que, de passagem por Viana, interessou-se pela jovem professora. Do matrimônio, realizado no dia 29 de julho de 1933, nasceram as filhas Mariazinha e Rosaura.

Descendente de uma das mais conceituadas famílias vianenses, a professora Zeila aprendeu a conservar os costumes e as tradições religiosas e cívicas. Muito de acordo com



tava de ler romances e peças teatrais, além de compor poesias. Entretanto, tinha como hábito mais prazeroso (conservado desde a juventude) o de escrever longas cartas para os parentes e amigos.

Durante vários anos, manteve em sua própria casa um curso preparatório para o ingresso na vida escolar, tendo sido assim professora de Zezinho Piedade, Maria Antonia Gomes, Maria José Rodrigues (D. Zeca, futu-

o forte catolicismo de sua época, quando jovem, filiou-se à “Irmandade das Zeladoras de São José”. Mais tarde, depois de casada, tornou-se “Zeladora do Coração de Jesus”. Seu pai era quem organizava os festejos de São Benedito, contribuindo decisivamente com seu testemunho para a formação religiosa da família.

D. Zeila gostava de ler romances e peças teatrais, além de compor poesias. Entretanto, tinha como hábito mais prazeroso (conservado desde a juventude) o de escrever longas cartas para os parentes e amigos.

ra esposa do Senhor Penha), dentre tantos outros que por lá passaram.

Sua residência também era muito procurada pelos estudantes em busca de informações para os trabalhos escolares. Sua habilidade para a produção textual, na época chamada de composição escolar, lhe rendeu muitas consultas. Nessas oportunidades, deixava que o aluno escrevesse o que soubesse para daí orientá-lo, já indicando que o fazer pedagógico se dava no processo de construção.

Um aspecto interessante, no tocante ao seu trabalho, era a realização das festas cívicas. D. Zeila organizava com muita alegria e paixão os desfiles de 7 de Setembro.

A estatura alta, voz mansa, semblante calmo e o olhar atento de boa observadora eram marcas da professora Zeila, que residiu em Viana até o ano de 1979, quando acompanhou a mudança da filha Mariazinha para São Luís, onde viria a falecer no dia 13 de novembro de 1984.

Seu corpo foi sepultado em Viana, no Cemitério São Sebastião, no jazigo da família Cunha.

Embora ainda não possuía uma cadeira específica, Zeila Cunha Lauletta foi eleita patrona da AVL desde fevereiro de 2004.

Cultivo de arroz compromete o lago e pode causar danos irreparáveis à saúde e à vida da população

José Policarpo Costa Neto^(*)

FOTOS: WILSON ARAGÃO

Há treze anos que uma equipe de pesquisadores da UFMA (que integro como um dos coordenadores) vem estudando a Baixada Maranhense, tentando compreender todos os processos e mecanismos que decorrem da inundabilidade de seus campos naturais, bem como as relações que a população historicamente tem estabelecido com esses ambientes.

Por conta desse trabalho, de todas as regiões maranhenses, a Baixada é a melhor e mais estudada cientificamente, já se dispondo de uma valiosa base de conhecimento, que aponta, com segurança, alternativas sustentáveis para melhorar a qualidade de vida da sua população, a partir da utilização dos recursos ambientais.

Tais alternativas, apesar de relativamente simples, requerem vontade e determinação políticas, as quais só eclodirão quando a população atingir o patamar de consciência política capaz de assumir efetivamente o controle das políticas públicas e de produzir gestores públicos que tenham percepção da importância e do papel dessas áreas inundáveis, na vida da população.

É minha mais profunda convicção que, apesar da longa distância a nos separar desse estágio, não há justificativa para que determinadas atitudes preliminares, indispensáveis e inadiáveis, deixem de ser adotadas para interromper o rápido processo de degradação ambiental que, a cada dia, danifica os ecossistemas e reduz os limites para a sobrevivência dos seres humanos que ali vivem, tornando ainda mais precária a sua já minguada esperança de um dia viver com as mínimas condições de dignidade.

Entretanto, o que se evidencia é uma já intolerável exuberância de exemplos da falta de ação das autoridades incumbidas de fiscalizar e punir aqueles que persistem no mundo do crime ambiental. Esta falta de ação, associada à absoluta impunidade, atribui ao poder público o papel de convivência com o crime. A sociedade, por sua vez, letárgica, nada cobra.

O caso dos búfalos é um exemplo concreto dessa convivência. Apesar das aterradoras conclusões dos estudos científicos sobre os malefícios causados pela criação extensiva de bubalinos nos campos inundáveis da região, haja vista a magnitude da perturbação que esse criatório provoca no metabolismo desses ambientes (comprometendo sua função natural e essencial, proporcionada pela dinâmica anual de inundação, que é a produção de peixes, sem qualquer custo), até agora nenhuma atitude foi tomada pelas autoridades competentes.



Plantações de arroz - Outra aberração, esta de iniciativa mais recente, que já se instalou, e vem se expandindo nessas áreas, é o plantio de arroz dentro dos lagos. Acontece que quem cultiva, aplica agrotóxicos (veneno) contra pragas e doenças da planta. E se isso ainda não ocorreu em Viana, certamente ocorrerá nos próximos anos.

Tendo começado no lago de Viana e no entorno do lago de Cajari e Penalva, essa prática vem-se alastrando numa rapidez espantosa por vários dos ambientes que formam o "Rosário de Lagos", livremente, como se fosse procedimento absolutamente normal, dada a completa omissão das Prefeituras Municipais e, mais grave, do órgão ambiental estadual, este mais assemelhado a um ins-

trumento de adorno, dado que, de modo geral, a sua relação com os problemas ambientais do Estado, ou é de pleno desconhecimento, ou de cômoda omissão.

Água contaminada - Esse mais novo atentado tem um agravante: a água que a população urbana de Viana bebe é captada no Igarapé do Engenho, ligado ao lago de Viana. Ora, pasmem os leitores, se no próprio lago de Viana jogarem veneno para matar pragas do plantio de arroz, torna-se elementar perceber que essa prática contaminará a água do lago. Como esta é consumida pela população, logo os contaminantes invadirão o organismo dos consumidores, pois a Estação de Tratamento de Água não remove contaminantes.

Peixes contaminados - A extensão do crime é bem maior, pois o grande ecossistema lacustre Viana-Penalva-Cajari é grande supridor de pescado para toda a população urbana e rural, desses e de outros muitos municípios da região, e que, em períodos de fartura, ainda exporta peixes para São Luís. As cadeias alimentares desenvolvidas em ambientes aquáticos contaminados com agroquímicos absorvem essas substâncias de forma cumulativa, atingindo o consumidor final do pescado – o homem - de forma implacável, causando nele uma série de enfermidades, muitas delas letais, de difícil diagnóstico e de ainda mais difícil tratamento.

Isso permite assegurar que cultivar arroz nesses ambientes afetará (se já não está afetando) todos aqueles usuários diretos e indiretos daquelas águas, colocando em risco previsível e evitável um dos mais importantes ecossistemas do nosso Estado, além da saúde e da vida de imenso contingente populacional.

Daí, a necessidade de que essa nova modalidade de crime ecológico – o cultivo de arroz nos lagos - seja banida já, antes que seja tarde. Para isso, todavia, consideramos fundamental que a população seja informada sobre o que está ocorrendo e que, com vigor, exija das autoridades a atitude que se impõe.

Tenho esperança de que os vianenses liderem a iniciativa.

^(*) Professor e pesquisador da UFMA, Mestre em Economia Rural pela UFCE e Doutor em Hidráulica e Saneamento pela EESC-USP.



Arroz e búfalos: o uso e ocupação desordenada de um bem comum do povo, além de contribuir para a poluição hídrica e desequilíbrio do meio ambiente, pode gerar conflitos de interesses entre agricultores e criadores

PARA ENTENDER MELHOR O ASSUNTO

❖ Para se compreender como funcionam o equilíbrio e a dinâmica do ambiente lacustre, é preciso levar em consideração fatores como temperatura, luz, pH, nutrientes e outros, os quais interagem produzindo condições propícias para que os organismos (plâncton, plantas, peixes etc.) possam viver e se reproduzir.

❖ O plâncton compõe-se de microorganismos vegetais (chamados fitoplâncton) e animais (chamados zooplâncton). Esses microscópicos seres situam-se na base da cadeia alimentar de qualquer ambiente aquático, seja marinho ou dulcícola. O fitoplâncton, composto de microalgas, é o principal responsável pelo nível de oxigênio dissolvido no meio hídrico, pois através do processo da fotossíntese acontece a absorção do carbono e liberação de oxigênio na água. Mas, para que essas

diminutas algas possam executar o trabalho da fotossíntese, é preciso que haja matéria orgânica em níveis satisfatórios e luz suficiente, isto é, capaz de atravessar boa parte da coluna d'água, onde o fitoplâncton se distribui.

❖ Acontece, porém, que se o ambiente aquático é muito poluído por esgotos domésticos ou outros materiais carregados pelas enxurradas e descargas dos rios (como é o caso do lago de Viana), a água torna-se bastante turva pelo excesso de matéria orgânica, dificultando a penetração da luz solar e consequentemente prejudicando a atividade fotossintética dos pequenos vegetais. Outra consequência direta do alto nível de poluição orgânica é a proliferação de algas clorofíceas e algumas espécies de macrófitas aquáticas (mururú, água-pé etc.). Todo esse transtorno causado ao

meio ambiente é o que os cientistas chamam de **desequilíbrio ecológico**.

❖ A proliferação de determinadas espécies do fitoplâncton, em detrimento de outras (que podem diminuir drasticamente), vai interferir na riqueza da ictiofauna (colônias de peixes), haja vista que estas algas minúsculas servem de alimentação para o zooplâncton (animais microscópicos, incluindo larvas de peixes, de moluscos e crustáceos) que, por sua vez, vai servir de alimento para os peixes maiores. O homem, que consome o peixe, coloca-se no topo dessa cadeia alimentar como último predador. Assim, a escassez de algumas espécies do fitoplâncton pode desestruturar toda essa sequência, em virtude do desequilíbrio ecológico ocorrido na área em questão.

❖ Normalmente, os peixes tornam-

se as vítimas mais perceptíveis de tal desequilíbrio, pois quando não morrem asfixiados por falta de oxigênio, poderão morrer por escassez de alimentação. Aí está uma das razões pelas quais o rendimento das pescarias, no lago de Viana, vem diminuindo a cada ano.

❖ É por esse motivo que as plantações de arroz podem agravar ainda mais esse quadro. Mesmo que os agricultores não usem jamais nenhum tipo de agrotóxico ou pesticida para não contaminar a água e os organismos ali viventes, de qualquer maneira os restos culturais (palhas, raízes), após cada colheita anual, irão acrescentar maior quantidade de matéria orgânica a um ambiente que já se encontra hipersaturado. Sem esquecer que tais detritos também podem contribuir para acelerar o processo de assoreamento do leito do lago.